

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens incipsum
ad destinatum persequor, ad braviu[m] tri-
umph[i] Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.



S. EXC.ª REV.ª O SNR. D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO
Arcebispo de Braga, Primas das Hespanhas.

PEREGRINAÇÃO ESPIRITUAL

AO
SEPULCHRO DOS APOSTOLOS S. PEDRO E S. PAULO EM ROMA NO VATICANO

PROMOVIDA EM PORTUGAL

PELO APOSTOLADO DA ORAÇÃO E LIGA DO CORAÇÃO DE JESUS

Por occasião da novena e festa que se ha de celebrar em honra dos mesmos Apostolos
de 20 a 29 de junho de 1885

I.—A Roma!

A justiça de Deus ameaça a terra e já pesa sobre muitos paizes.

Combate-se a Esposa de Christo, armam-se insidias á fé e á innocencia de nossos filhos nas escholas, na imprensa e até no santuario das familias.

A Igreja vê confiscados os seus bens; os sacerdotes são vilipendiados e calunniados. Sacrilegios, suicidios, assassínios, commettem-se com frequencia pasmosa.

O Vigario de Jesus Christo, o Summo Pontífice Romano, Leão XIII, o nosso Pae, está prisioneiro no Vaticano, e em vão reclama os meios e a liberdade necessaria para o governo das nossas almas.

Os ímpios querem proclamar o reinado de Satanaz, e substituir á fé immaculada de Christo o demonio, o mundo e a carne.

Os flagellos de Deus que ainda não experimentamos, só esperam por um aceno do Omnipotente.

Quem nos salvará de tantos males? de quem imploraremos auxilio e conforto nas tribulações?

A ROMA, irmãos, acudamos a ROMA!

A ROMA, ao tumulto dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, ao templo do Vaticano, onde foi proclamada dogma de fé a Immaculada Conceição da Mãe de Deus e nossa Mãe!

A ROMA com o pensamento, com os affectos do coração, com a prece mais ardente da nossa alma!

A ROMA, prostrados em espirito na igreja de S. Pedro, para implorar piedade pela intercessão da VIRGEM IMMACULADA e dos SANTOS APOSTOLOS PEDRO E PAULO; e a nossa prece, e a nossa fé salvará o mundo, salvará a nossa patria, as nossas familias, todos os que nos são queridos.

A ROMA, A ROMA!

II.—Quem deve fazer esta peregrinação?

Quem chora a perda de pessoas que lhe são queridas, e deseja que voem quanto antes das penas do purgatorio ás glorias do paraizo,

Quem deseja a conversão de filhos, de parentes, de amigos extraviados e de pobres peccadores,

Quem vive immerso em afflicções, quem estando enfermo busca a saúde,

Quem reconhece como vindos da mão de Deus os castigos que nos affligem e os que nos ameaçam; e quer implorar a piedade do Senhor para si, sua familia, sua patria,

Quem deseja o dom da santa perseverança no bem, para si e para os outros,

Quem tem uma alma a salvar,

Quem deseja a paz da Igreja, o triumpho do reino de

Christo, a libertação e a conservação do Summo Pontífice nosso amadíssimo Pae.

Quem precisa da protecção de Maria, Refugio dos peccadores, Consoladora dos afflictos, Saúde dos enfermos, Auxilio dos christão, Mãe Immaculada de Deus.

Quem tem fé em Pedro, a quem Jesus entregou as chaves do Ceu, e no grande Apostolo das gentes S. Paulo.

III.—O fim

O fim d'esta peregrinação espiritual á basilica de S. Pedro no Vaticano é:

1.º Tributar á Santissima Virgem no lugar onde foi proclamado o dogma da sua Immaculada Conceição um solenne testemunho de reconhecimento pelas innumeraveis graças espirituaes e temporaes que tem alcançado ao mundo catholico nos 19 seculos desde a sua Conceição, e attestar sobre o tumulto dos grandes Apostolos a nossa fé, a nossa união, o nosso amor á Igreja e ao reinante Vigario de Jesus Christo Leão XIII;

2.º Obter de Maria pela intercessão dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo a salvação da nossa alma, das almas dos nossos parentes, dos nossos amigos, e todas aquellas graças espirituaes e temporaes que ardentemente desejasmos;

3.º Fazer uma fervorosa oração pela Igreja, pelo Santo Padre Leão XIII e pela nossa patria.

IV—Os meios

Os que peregrinamos em espirito ao tumulo dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo propomo-nos:

1.º Fazer uma Novena de preparação para a sua festa, que a Igreja celebra a 29 de junho de 1885;

2.º Dar uma pequena esmola de 20 reis e promovel-a entre as pessoas do nosso conhecimento para os ex-votos e para as Missas que se devem celebrar na basilica de S. Pedro, etc. A esmola de 20 res, tambem se pôde dar em nome de pessoas que nos são queridas, cuja cura, conversão, etc., queremos particularmente recommendar á Virgem Immaculada, aos Santos Apostolos e ás orações do Santo Padre. Igualmente em suffragio de pessoas defuntas. Os nomes d'estas se transcreverão com os das outras, até mesmo pondo simples iniciaes.

V.—Ex-votos

Em nome de todos os offerentes,

1.º Será offerecida á Virgem Immaculada e aos Apostolos S. Pedro e S. Paulo uma grandiosa lampada de ouro e de prata, com esmaltes e pedras preciosas. Essa lampa-

da, accessa perpetuamente diante do venerando sepulchro do S. Pedro, será uma perpetua oração a Maria Santissima e aos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, que lhes recordará os nossos votos, as graças que d'elles quremos implorar concorrendo com a nossa pequena offerta: e tambem depois da nossa morte dirá a Maria que eramos seus devotos, que n'ella esperavamos, que somos seus filhos, que por meio de S. Pedro nos abra as portas do paraíso.—A lampada preciosa terá esta legenda: *Pro nobis et nostris; pro Ecclesia et Pontifice*:

2.º Será consignado á Santa Sé o fundo necessario para ter sempre accessa esta lampada;

3.º Será entregue á Direcção do Sanctuario uma esmola para a celebração de 200 missas;

4.º Os nomes de todos os adherentes e das pessoas vivas ou defuntas serão offerecidos solemnemente á Virgem e aos Santos Apostolos, recommendando-lhos com especiaes e publicas orações.

VI.—Indulgencias

O Summo Pontífice Leão XIII, na audiencia de 30 de janeiro de 1885, com rescripto firmado pelo Em.^{mo} Cardeal L. Jacobini, seu Secretario d'Estado, dignou-se conceder a todos os que

1) se dirigirem com o pensamento e com o desejo a venerar o Tumulo dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo no Vaticano;

2) que cooperarem de qualquer modo para o decoro e feliz exito d'esta pia Peregrinação,

3) e que celebrarem devotamente uma Novena em preparação para a festa de 29 de junho de 1885 dos mesmos Santos Apostolos, com recitação quotidiana do terço do santo Rosario, orando pela concordia dos principes christãos, pela extirpação das heresias, pela conversão dos peccadores e pela exaltação da Santa Madre Igreja, as seguintes indulgencias:

1.ª INDULGENCIA DE 300 DIAS UMA SÓ VEZ NO DIA EM CADA UM DOS DIAS DA NOVENA.

2.ª INDULGENCIA PLENARIA DA SOBREDITA FESTA OU N'UM DIA DENTRO DA 8.ª, SE VERDADEIRAMENTE ARREPENDIDOS E CONFESSADOS SE CHEGAREM Á SAGRADA MÊZA, ORANDO SEGUNDO AS INTENÇÕES DE SUA SANTIDADE.

VII.—Outras vantagens

1.ª Na igreja de S. Pedro no Vaticano celebrar-se-hão 100 Missas e se farão orações publicas na Basilica e sobre o tumulo dos Santos Apostolos, afim de que a Virgem Santissima, por intercessão de S. Pedro e de S. Paulo, ouça os votos e os desejos d'aquelles que se unirem espiritualmente a esta pia Peregrinação.

2.ª outras 100 Missas serão mandadas celebrar, com orações publicas, pelos defuntos recommendados pelos offerentes.

3.º No dia de fieis defuntos (2 de nov.) de todos os annos, e perpetuamente, se celebrará na Basilica Vaticana uma missa de *Requiem* em suffragio pelas almas dos fallecidos que hooverem tomado parte n'esta pia Peregrinação.

4.º Ao zelador que recolher e expedir 100 offertas será enviado pelo correio, bem acondicionado n'um cilindro, um quadro oleographico representando a Virgem Santissima com o Menino, diante do qual estão ajoelhados S. Domingos e Santa Catharina, que recebem o Santo Rosario, tendo o dito quadro, em volta os emblemas dos 15 Mystérios, quadro este que poderá inaugurar-se em familia para a celebração da Novena. Quem recolher e enviar mais grupos de 100 offerta, além do sobredito quadro, poderá escolher, entre os seguintes, tantas quantas forem as listas completas—*Sagrado Coração de Maria*—*Apparição de Maria Immaculada em Lourdes*—*S. Francisco de Assis*, etc.)

VIII.—Emprego das offertas

Deduzidas as despezas das funcções e as esmolas das Missas, do ex-voto ect., tudo o que restar será recolhido e depositado em poder da Santa Sé, para se unir á esmola da Missa por occasião das NUPCIAS D'OURO do nosso amado Summo Pontífice Leão XIII.

IX. A Embaixada

Uma commissão de Sacerdotes e de leigos se dirigirá a Roma, representando todos os offerentes e todos aquelles que adherirem de qualquer modo a esta Peregrinação Espiritual. Será uma especie de Embaixada, que se apresentará em nosso nome á Rainha do Ceu e da terra, aos Apostolos S. Pedro e S. Paulo e ao Santo Padre Leão XIII.

Offerecerá á Santissima Virgem e aos ditos Apostolos os votos, as lagrimas, e os dons de milhares de fieis, os quaes unidos n'um só pacto, n'uma só intenção, imploram piedade e misericordia e o termo dos males e castigos que nos ferem.

Ao Vigario de Jesus Christo dirá como milhares e milhares de seus filhos affectuosos e devotos oram segundo as suas intenções e por elle, fazendo ardentissimos votos pela sua conservação e para poder festejar solemnemente o seu Jubileo Sacerdotal: supplicando-lhe ao mesmo tempo que peça á Virgem Santissima e aos Santos Apostolos por elles, pelos seus parentes e amigos, vivos e defunto, implorando para todos a Benção Apostolica. As listas para a subscripção podem pedir-se a esta redacção.

SECÇÃO RELIGIOSA

Homenagem á Santissima Virgem no Mez de Maio

III

De algumas devoções particulares no culto da Virgem—O terço, o Angelus ou Ave-Marias—o Mez de Maria—As archiconfrarias—As Peregrinações.

(Continuado do n.º antecedente)

Terminemos por uma palavra sobre essas piedosas viagens emprehendedas com o fim de pagar um tri-

buto d'amor e de intima confiança a Maria.

Queremos fallar das peregrinações, d'este respeito das reliquias, d'esta lembrança concedida a um grande homem acontencimento, as cousas que a avivam, aos restos que a conservam. E' isto um sentimento que ninguem pôde negar mui natural ao nosso coração. Para cada um de nós o quarto de nossos avós ou paes, o genuflexorio de nossa mãe, o crucifixo herdado, os livros de reza, as contas já usadas de nossos antepassados tem uma poderosa linguagem que junta a estas lembranças um certo perfume de virtudes. Não ha ninguem, que visi-

tando o *Museu das Lembranças*, não expirimente de uma inexplicavel emoção á vista d'este pobre calcado que sahia dos pés de Maria-Antoinette no momento em que esta infeliz rainha subia os degrãos ensanguentados do cadafalso.

Não ha ninguem cujo patriotismo se não enthusiasme ao percorrer as planicies de Maratton, de Waterloo, de Aljubarrota ou de Ourique: por isso é que todas as religiões indistinctamente favoreceram o espirito das peregrinações. Os chinezes não se inclinam mais devotamente diante do tumulo de Confucio, que o musulmano em Meca diante do Propheta, do que o christão em

Jerusalem em presença do Santo Sepulchro.

Nunca esquecerei que um dia nos Vosges, andando a passear por entre os pinheiros e cascatas, sendo já a tarde avançada, vi passar ao clarão do sol que se punha um rancho de bons aldeões que, sacco ás costas e vindo de bem longe, se dirigiam a Einsiedelis. Para alegrar a sua viagem, cantavam com toda a força e vigor de sua voz a Salve-Rainha, este hymno tão cheio da melancolia da prova e da ausencia. O grande vulto de S. Bernardo representou-se no espirito e figurei-me fazendo sua entrada em Spire na companhia do imperador, escoltado pelo clero, cruz e bandeiras, pelos burguezes e differentes corpos, e artistas levando cada um as insignias de sua profissão. Tinha-se atravessado a cidade e penetrado no recinto sagrado da basilica. O cortejo avançava magestosamente para o coro cantando a Salve-Rainha, entoada por toda a assistencia e no meio d'um molho de raios do sol que semelhantes a fios d'ouro se deslisavam até ao altar. Bernardo com as mãos postas, com os olhos levantados ao ceu, estava todo penetrado de felicidade de alegria e como extasiado. Guardava todo enlevado no seu profundo pensar, revestido com seu longo habito todo branco, parecia o genio da pureza. Mas depois d'estas palavras: *Filium tuum nobis post hoc exilium ostende* (mostrae-nos o vosso filho depois de nosso desterro) com uma voz toda cheia de emoção, de confiança e de amor ajuntou esta triple exclamação: *O clemens! ó pia! ó dulcis virgo Maria!* Estas palavras tão suaves e tão ternas rompendo espontaneamente do coração de S. Bernardo, ficaram para sempre unidas ao hymno da *Salve-Rainha* e completaram divinamente esta tão encantadora poesia.

Não é minha intenção nomear todos os sanctuarios erguidos á Virgem e que são o objecto d'um culto particular, porque não ha um só no mundo que não falle em Maria. Para citar de memoria e a voo rapido assignaremos em França Nossa Senhora do Livramento, aonde os marinheiros vem, pés descalços e todos ainda escorrendo em agua do mar offerecer os seus vestidos como signal d'um perigo conjurado. Nossa Senhora de Touviere aonde Pio VII abençoou Lajão e a toda a França. A nova Nossa Senhora de Bolonha junto ao mar, erecta pelo zelo d'um servo de Maria. Nossa Senhora de la Salette e sobretudo a Basilica de Nossa Senhora de Lourdes aonde não vai só a

França tributar seus louvores mas todo o mundo, não só uma vez no anno mas todos os dias e quasi a todas as horas. Nossa Senhora de Lourdes é o milagre das peregrinações.

Os Prodigios alli operados e mesmo longe da romaria pela devoção á Santissima Virgem são tantos e de tal ordem que os impios perdem a cabeça e ficam como espantados sem poderem negar uma tal maravilha de nossos dias.

Quem ha que não conheça Nossa Senhora de Lourdes? os impios mesmos a tem feito conhecer pelas suas impiedades e o culto e as peregrinações augmentam de dia para dia. Lourdes é o Sanctuario das maravilhas da Virgem, alli é que se pôde admirar o seu alto valimento, e amor que Ella tem a seus devotos e a todos os que a invocam e tambem a gratidão que seus beneficios e graças tão singulares tem excitado de seus devotos. Hoje quem falla em vi a Roma ou a Jerusalem tambem falla em vi a Lourdes de modo que a promessa d'esta boa Mãe cumpre-se todos os dias: *eu quero que aqui venham de todas as partes do mundo em Romaria.*

Na Belgica é Nossa Senhora de Halle, aonde o historiador Justo Lipsio suspendu a sua pena.

Em Polonia é Nossa Senhora de Calvaria, aonde o oprimido vai pedir a liberdade. Na Italia é Santa Maria Maior verdadeiro mundo de marmore e a mais bella das quarenta e seis Egrejas que Roma dedicou á Santissima Virgem. E' tambem a Santa Casa do Loreto.

Na Hespanha é Nossa Senhora do Monte Serrato aonde Carlos V foi oito vezes e aonde se vê n'um dos pillares a espada de Santo Ignacio.

Em o nosso Portugal não faltam Egrejas dedicadas á Santissima Virgem, e que não tenham romarias. Citaremos algumas das mais principaes como: Nossa Senhora de Nazareth no Patriarchado. Esta romaria data dos principios da Monarchia do tempo de D. Alfonso Henriques; segundo diz a legenda folhe dado este nome de Nazareth por ter vindo da terra da Virgem de Nazareth da Palestina, feita pelas proprias mãos de S. José e encarnada por S. Lucas.

Nossa Senhora dos Remedios em Lamego. Nossa Senhora do Castello em Mangualde de Nossa Senhora do Desterro, na Serra d'Estrella, Nossa Senhorado Cabo, Nossa Senhora das Praças: Nossa Senhora da Povoia na Beira Baixa etc. Nossa Senhora d'Assumpção em Villaas Boas, Traz-os-Montes. Emlim não ha provincia que não tenha tres ou quatro romarias á Virgem e todas muito concorridas: e todas estas egrejas e immensidade de capellas espalhadas pelos povos e pelos campos todas tem uma

origem celeste: a todas se ligam maravilhosas legendas e gloriosos milagres. Vem se n'estes sanctuarios os *ex voto* que pendarou a mão d'uma reconhecida Mãe cujo filho foi curado milagrosamente ou por qualquer outro motivo a graça especial alcançada pela valiosa protecção da Virgem Mãe dos afflictos.

Estas condecorações, estes ornatos, estes corações e cadeias d'ouro, estes cirios n'uma palavra essas precisões de promessas são como outras tantas vozes harmoniosas que servem ao mesmo tempo de cortege á Imagem querida, e de perpetuas testemunhas da gloria que ella tem recebido em todos os seculos. Todos os dias vemos novas provas d'este reconhecimento dos povos para com a Virgem: em nossos dias vemos a Roma portugueza, levantar se toda e erguer no alto da serra que a domina um novo templo á Virgem Immaculada. As peregrinações já principiraram e desde os mais humildes e de inferior condição até aos mais elevados e poderosos, todos contribuem e concorrem para offerterem á Virgem do Sameiro. Braga será a cidade da Virgem e esta nunca abandonará seus fieis e devotos Bracarenses. Feliz cidade que tão felizmente comprehendes o quanto é bom, suave estar debaixo da protecção da Immaculada! Oxalá, que todas as cidades te imitassem e Portugal seria outra vez todo da Virgem e de seu Filho, segundo a promessa feita ao nosso primeiro rei D. Alfonso quando no campo de Ourique se dignou dar-lhe por armas e brazões as suas cinco chagas!

(Continua.)

O Professor do Seminario Patriarchal

P.º J. A. T. N.

Os principios catholicos perante a razão (*)

(Continuado de paginas 107)

III

As falsas religiões

Religião da India.—Dos Egyptios.—Dos Persas.—Da Grecia e do povo Romano.—O Islamismo e a sua moral.—Na azoraras do Alcorão confessam-se os milagres e a divindade de Jesus Christo.



CAPITULO presente é uma demonstração material de quanto escrevemos no anterior contra

(1) Não se abre um dictionario geographico sem nos admira-mos das numerosas contraccas, cidades, ou povoações que temham o nome de Maria. Em França ha mais Egrejas com o titulo de Nossa Senhora ao que dias no anno. O mesmo diremos em Portugal.

(*) Os dois primeiros artigos foram publicados na secção religiosa, mas d'hoje em diante serão publicados n'esta secção por o julgarmos mais a proposito.

as erroneas theorias do deísmo. O exame das falsas religiões prova evidentemente que a intelligencia humana nada pôde adiantar nas suas investigações religiosas sem o auxilio efficaz da revelação, e que é absurdo converter o nosso criterio individual em regra certa e segura da creença verdadeira. Os homens esqueceram as tradições religiosas que vinham observando desde o principio do mundo, a relaxação de costumes regulados até então pela moral pura e sublime do culto revelado foi a causa da sua queda deploravel. Ficou pois a rasão em liberdade para forjar quantas invenções lhe dictassem o capricho, a ignorancia, os vicios e fraquezas d'aquella natureza depravada.

A deificação da natureza foi o primeiro erro, e de absurdo em absurdo chegaram a constituir-se em dogmas os inventos ferozes e contradictorios da mais delirante phantasia.

O antigo povo Indio estabelecido em terras immediatas ao paiz que os Patriarchas occupavam, manteve com estes frequentes relações ás quaes devem a conservação de algumas verdades reveladas.

Nos quatro *Velas*, livros antigos e sagrados 1. conservavam-se os dogmas da unidade de Deus, geração do Verbo, immortalidade da alma, peccado original e a consequente rehabilitação: mas aqui principia a sua theologia a extraviar-se, suppondo que se chega a tão ditoso estado passando pelos graus das suas diferentes linhagens: creença que originou a desigualdade social mais exaggerada, que humilha e infama tanto certa classe como exalta as quatro castas superiores. A queda das almas 2. e a sua restauração futura 3. por meio d'uma expiação mal entendida precipitou-os na metempsicose: e nasce a exaggerada attenção para com os irracionais 4. crendo-os animados pelas almas que pertenceram á especie humana, e suppondo que o bem ou o mal da vida presente é o premio ou o castigo d'outra existencia anteriormente passada. Exagerando a necessidade da expiação, impõem-se crudelissimas mortificações, ou mutilam horrivelmente o corpo, mettendo-se debaixo das rodas do pesado carro em que passeiam o seu idolo com canticos e danças obscenas das *Bayule-ras*, não faltando fanaticos que se deixam esmagar pela carroça santa, esperando conseguir n'esta morte expiatoria a sua salvação eterna. O pantheismo constitue a essencia da theologia india,

e o suicidio como expiação é a consequencia do tão desvairadas convicções. Outros absurdos allucinam ainda a intelligencia d'aquelle povo esquecido das verdades reveladas pelo conjuncto mais heterogeneo de principios certos e supersticiosos. Credulidade singular que vae augmentando de dia para dia o prodigioso numero das suas deidades até á extravagancia de ter-se descoberto modernamente a terrivel deusa da colera-morbus.

Os sacerdotes egypcios professaram certa religião, cujo conhecimento occultavam á curiosidade vulgar nos mysterios dos seus templos. Eram symbolo d'essa creença a unidade de Deus, e a trindade representada por Isis, Osiris e Horo. Desta divindade trina e uma destacavam-se mysticas emanções para formar uma segunda classe de deuses igualmente espirituaes, e adoravam outra terceira emanção muito mais phantastica. Deuses que nascem e morrem quando conclue a sua missão entre os homens para se converterem nas constellações brillantes que guarnecem o admiravel firmamento: creença estranha desenvolvida na doutrina de Hermes que necessariamente produz o sabeísmo. Reverenciavam além d'isso nunes particulares nos seus templos, sendo tão respeitado Serapis como o mesmo Osiris. E se na religião sacerdotal nos surprehenda a enormidade de absurdos misturados com algumas verdades reveladas, as creenças populares offerecem clara e evidente prova do deploravel desvario em que cai a rasão humana abandonada ás suas luzes naturaes. Os descendentes de Cam abandonaram as tradições de Noè, para adoptar o erro grosseiro do materialismo, porque esta era realmente a religião do povo Egypcio com os seus perros e gaviões sagrados, com o seu culto ao crocodilo, á serpente, ao leão, ao gato, ao boi, á gazella e até ao immundo escaravallo, merecendo a esse povo a sua adoração entre as plantas o sagrado loto, a palmeira, a cebola, e não tinha limites o fanatismo do mesmo povo quando encontravam algum boi de pelle negra com certos signaes mysteriosos: abandonavam-se então á insensatez do jubilo mais extraordinario, e coroado com bellissimas flores *Apis* era conduzido debaixo d'um pallio de rica tela, e o povo adorava-o em sumptuosos templo, assistiam veneraveis sacerdotes, e ao seu serviço eram destinados vasos de ouro. Vestia-se lucto quando fallecia aquella pacifica deidade, que era sepultada nas Pyramides, mausoleo dos reis. Eis como a rasão humana descobre por suas proprias luzes o culto verdadeiro!... Eis como ella conhece todas as verdades!

Os Persas reconheciam a unidade de Deus, a quem confessavam auctor do uni-

verso, mas adoravam-no nas suas obras, e deificando a admiravel creação, deram culto aos planetas, incorrendo além d'isso no gravissimo absurdo de reverenciar o fogo como symbolo do Ser Supremo. Os Magos eram uma classe sacerdotal, que, além de exercer as funções inherentes á referida instituição, estava encarregada de ensinar a lei. Distinguio-se entre todos Zoroastro, que, reformando o seu codigo religioso, augmentou os erros inventando dois principios, o principio bom, e o principio mau, em constante lucta e crua opposição um com o outro: doutrina absurda que produziu nos seculos posteriores o monstro horrivel do manicheismo, seita infame que deixou entre os homens a mais triste e funesta recordação. Divididos entre si os Magos, occuparam-se mais de disputas e querêlas, que do ensino popular, e por esta causa a nação foi se precipitando nas superstições mais exaggeradas, absurdas e ferozes.

A Europa recebeu dos gregos as religiões e a civilisação asiatica pois comquanto se discuta a origem d'este povo, é indubitavel que da Asia saíram os Pelasgos. Assegura-se que Cadmo fundou Tebas, e que Athenas e Argos deveram a sua origem a Danao e Cerope: estes ultimos foram egypcios, e o primeiro da Fenicia. Era consequencia necessaria d'aquellas feroçissimas guerras o paiz vencido aceitar as leis religiosas e civis dos seus violentos oppressores: e ainda prescindindo d'esta reflexão, achamos na mythologia grega rasões poderosas para conhecer a sua procedencia, pois era egypcia a natureza dos deuses que personificavam varios seres e especialmente os astros e elementos. Jupiter significava o principio vivificante de todo o universo, Juno o ar, Neptuno a agua, Phobo o sol, Ceres a terra, e Diana a lua: mas os poetas com as suas phantasticas composições revestiram de affectos humanos as symbolicas deidades, o vulgo ignorante acreditou que as allegorias eram realidade, e adorando deuses dominados pelas paixões abjectas do genero humano, forjou aquella mythologia, horrivel confusão do espirito com a materia. Jupiter, unido a Juno, mantem relações illicitas com Semeles e com Latona, e a sua voraz incontinencia inspira-lhe o crime de seduzir Danae e de roubar Europa. Marte e Venus foram surpreendidos no mais feio delicto por Vulcano, a quem a sua esposa adúltera ultraja indignamente. Juno é a personificação do orgulho e da vingança. Plutão rouba a Proserpina: e Venus, typo soez de carnaes appetites, é torpemente honrada nos seus bosques voluptuosos e no prostibulo miseravel de seus templos: ao passo que Mercurio exerce os vis officios do corteção mais rendido ao in-

(1) Producto de quatro palavras que *Brahma* pronunciou ao crear o mundo.

(2) Pelo peccado original.

(3) Mysterio da redempção que Jesus Christo operou.

(4) Chegaram a estabelecer hospicios para annaes inutilizados.

constante capricho e dissoluções de seu amo.

(*Continua.*)

Dom Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

Geraes da Companhia de Jesus

II

CONTINUAMOS o catalogo dos prepositos geraes da Companhia de Jesus. No anno seguinte á morte de S. Francisco de Borja, em 23 de abril, foi eleito

IV. — EVERARDO MERCURIANO, nascido na Belgica. Este jesuita, que todos conheciam como um homem cheio de zelo religioso, foi julgado digno do generalato pelo Papa Gregorio XIII, anteriormente á sua eleição.

Entrando na Companhia antes de ser approvada esta Ordem pela Santa Sè, Mercuriano era estimado de Santo Ignacio pela doçura do seu character e pelas suas virtudes.

Investido no supremo cargo, todo o seu cuidado foi dar, como os seus predecessores, ás missões a maior extensão possível. A' sua morte a Companhia de Jesus estava n'uma situação prospera, contando mais de cinco mil religiosos e vinte e uma provincias.

Este piedoso geral falleceu em 1 de agosto de 1580, com fama de santidade.

V. — CLAUDIO AQUAVIVA, napolitano, eleito em 19 de fevereiro de 1581. Que grande homem não foi este! D'um character energico, d'uma virtude inalteravel, Aquaviva consolidou a Ordem, e tornou-a respeitada em todo o mundo.

Falleceu piamente em 31 de janeiro de 1615, depois de 35 annos de governo da Companhia.

A voz geral que se ouvia em Roma e em toda a parte era que a Igreja e a Companhia de Jesus haviam perdido um grande homem.

E, com effeito, se a Ordem deve o seu nascimento a Ignacio de Loyola, é incontestavelmente a Claudio Aquaviva que ella é devedora da sua educação. O seu longo generalato assistiu aos acontecimentos mais extraordinarios da Europa: Aquaviva triumphou sempre de todas as difficuldades.

VI. — MUCIO VITELLESCHI, romano, eleito em 15 de novembro de 1615, e fallecido em 9 de fevereiro de 1645. Foi um religioso de vida integerrima e santa. Urbano VIII não o denominava senão *o anjo da Companhia*, por causa da pureza de seus costumes e innocencia da sua vida.

Era tão bom orador sagrado, que

alguns o comparavam a S. Chrysostomo.

VII. — VICENTE CARAFFA, napolitano, eleito em 7 de janeiro de 1646. Pouco tempo governou a Companhia de Jesus este dignissimo religioso, pois falleceu em 8 de junho de 1649.

Santo Affonso de Liguori lho chama o *Veneravel Padre Vicente Caraffa*.

VIII. — FRANCISCO PICCOLOMINI, florentino, eleito em 21 de dezembro de 1649, e fallecido em 17 de junho de 1651.

IX. — ALEXANDRE GOTTFREDO, romano, eleito em 21 de janeiro de 1652, e fallecido em 12 de março do mesmo anno.

Como se vê, estes dous ultimos geraes não fizeram senão passar do throno de humildade ao tumulo. Ambos foram jesuitas virtuosos.

X. — GOSWINO NICKEL, allemão, eleito em 17 de março de 1652, e fallecido em 31 de julho de 1664.

Tinha occupado com louvor varios logares na Ordem, e gozou de grande consideração perante o Papa Alexandre VII.

XI. — JOÃO PAULO OLIVA, genovez, eleito, em 7 de junho de 1661, vigario geral com direito de successão, começou a governar a Companhia de Jesus como seu preposito geral em 1664.

O Padre Oliva foi um varão apostolico, um distincto orador, homem eloquentissimo, de acrisolada piedade, beinquista de todos os Pontífices e monarchas do seu tempo.

Falleceu santamente em 26 de novembro de 1681.

XII. — CARLOS DE NOYELLE, belga, eleito em 5 de julho de 1682, e fallecido em 12 de dezembro de 1686.

Este geral não tinha, é necessario confessal-o, as brilhantes qualidades dos seus predecessores; mas com a mesma verdade devemos dizer que era um religioso modesto e prudente, e o seu governo não foi destituido de zelo e actividade.

Carlos de Noyelle amava seus parentes que então viviam na decadencia. Prometteu se-lhe eleva-los, se elle quizesse servir os interesses da França em opposição á Santa Sé; e o jesuita, cabeça da Ordem, como verdadeiro religioso, respondeu simplesmente: «Eu não tenho mais parentes que os filhos da Companhia.»

XIII. — THYRSO GONZALES, hespanhol, eleito em 6 de julho de 1687, e fallecido em 27 de outubro de 1705.

Foi este um dos mais notaveis prepositos geraes da Companhia. Gonzales era conhecido, antes da sua eleição, como distincto theologo, fervoroso missionario, acerrimo defensor da Igreja contra o jansenismo, impugnador ener-

gico das liberdades gallicanas.

Além d'isso, Gonzales combateu a doutrina do probabilismo, em opposição a muitos jesuitas; um dos seus maiores adversarios n'esta questão theologica foi o veneravel Padre Paulo Segneri.

Todavia Thyrso Gonzales governou santamente a Companhia de Jesus, que no seu tempo floresceu em talentos e virtudes.

XIV. — MIGUEL ANGELO TAMBURINI, modenez, eleito em 30 de janeiro de 1706, e fallecido em 28 de fevereiro de 1730.

Este jesuita gozava de grande reputação de sciencia e virtude, predicados que nunca se desmentiram nos vinte e quatro annos do seu governo. Tamburini era um homem tão amavel, tão insinuante, que fasciava a todos os que o viam e conversavam.

Um adversario dos jesuitas que viveu no seu tempo, chama-lhe *homem prudentissimo que com a sua presença confunde os inimigos do Instituto*.

Este geral, ao contrario do seu predecessor, abraçou o systema do probabilismo; mas é de notar que nenhum d'elles impoz á Ordem a sua opinião particular n'esto ponto controverso entre os theologos: os jesuitas são livres na discussão, como outros quaesquer escriptores.

XV. — FRANCISCO RETZ, bohemio, eleito em 30 de novembro de 1730, e fallecido em 19 de novembro de 1750. Era um religioso de excellentes qualidades, e por isso muito amado de Bento XIV.

Os vinte annos de governo do Padre Retz foram annos de esplendor para a Companhia de Jesus: ha dous seculos instituida, a Ordem de Santo Ignacio estava no seu fervor primitivo; mas esta paz, esta tranquillidade era precursora da tempestade que vao rebentar.

XVI. — IGNACIO VISCONTI, milanez, eleito em 4 de julho de 1751, e fallecido em 4 de maio de 1755.

XVII. — LUIZ CENTURIONE, genovez, eleito em 30 de novembro de 1755, e fallecido em 2 de outubro de 1757.

Ambos estes jesuitas governaram pouco tempo, e por isso não puderam executar as grandes cousas que meditavam. Um e outro eram verdadeiros filhos de Santo Ignacio.

No seu tempo succedeu o caso de Lavallette que tanto arruilo causou entre os inimigos da Companhia de Jesus. Os dous geraes, Visconti e Centurione, procederam contra o jesuita cri-ninoso, que foi dignamente punido pelo geral Lourenço Ricci.

Atinal Lavallette confessou o seu erro, em que não era cúmplice a Com-

panhia de Jesus, como elle mesmo declarou.

XVIII. — LOU. ENÇO RICCI, florentino, eleito em 21 de maio de 1758, e fallecido em 24 de novembro de 1775.

Poderá dizer-se que este geral era falto de firmeza e de coragem para sustar as calamidades que sobrevieram á Companhia de Jesus; mas elle era um homem de reconhecida piedade e d'uma modestia inalteravel. A Companhia foi extincta durante este generalato, extincta sendo innocente, culpada sem provas.

No estado das cousas, um Claudio Aquaviva, mesmo um Santo Ignacio, não poderiam conjurar a tempestade.

Ricci morreu no Castello de Sant'Angelo, protestando pela innocencia da sua Ordem. O Santo Padre Pio VI, que muito o estimava, lho mandou fazer sollemnes exequias, e toda a Roma chorou a morte d'este santo homem.

(Continúa.)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

502

Para a historia das nossas missões ultramarinas

VI

Numero de missionarios que é preciso haver em Timor

(Continuado do n.º anterior)

PRIMEIRAMENTE mostrarei que é de urgentissima necessidade augmentar o pessoal ecclesiastico de Timor, pois que 7 missionarios não podem satisfazer, como já disse ás necessidades do districto.

É esta uma verdade que naturalmente se deduz da desproporção que ha confrontando o numero de missionarios existentes com a população portugueza de Timor, ou com a diversidade de linguas e dialectos, e ainda com a extensão de territorio.

A população da parte portugueza da ilha, eleva-se a cerca de quatrocentas almas, segundo uma estatistica que tive occasião de fazer quando ha dois annos percorri os reinos, em visita ás christandades, e que agora tenho a satisfação de apresentar a v. exc.ª (mappa n.º 6) não como trabalho de rigorosa exactidão mas como resultado d'um estudo consciencioso.

Esta população, aliás pequena relativamente ao territorio que occupa divide-se em 50 pequenos reinos e falla 19 linguas como se vê do referido mappa estatistico, achando-se além d'isso espalhado por terrenos cuja area é de 550 leguas

quadradas ou cerca de 14:000 kilometros quadrados.

Ora para em taes circumstancias se poder chamar todo este povo ao caminho da civilisação por meio do elemento religioso (que é por certo o meio mais racional, efficaç e menos dispendioso) será preciso dar ás missões de Timor maior desenvolvimento, melhorando os estabelecimentos de educação em Dilli, fundando novas missões no interior, além das que já foram creadas.

Isto só se pôde realizar com o augmento do pessoal ecclesiastico.

Muito conviria que o numero de missões no interior correspondesse ao numero de concelhos ou districtos militares porque d'esta fórma o administrador do concelho e o padre auxiliando-se mutuamente e adoptando cada um na esphera, de sua auctoridade todos os meios de que podessem dispôr tendentes ao desenvolvimento material e moral das terras da sua circumscripção melhor cumpririam a sua missão civilisadora.

Partindo pois d'este principio e admitindo que os 8 concelhos em que se acha dividido actualmente o districto de Timor, são em numero sufficiente, segue-se que só para as missões do interior dando a cada uma um só padre, seriam precisos 8 missionarios; e, como em Dilli são indispensaveis pelo menos mais quatro, ao todo seriam precisos para Timor 12 missionarios.

Mas ainda assim não bastavam, porque o progresso que tem tido o christianismo nas duas missões de Ocussi e Manatuto exige que em cada uma d'ellas haja dois ou tres padres.

Ainda mais. Posto que não me pertença avaliar se o actual numero de concelhos em Timor corresponde aos fins da sua criação, parece-me, não obstante, que o governo terá de crear mais alguns quando queira exercer a sua auctoridade em toda a parte portugueza da ilha por via dos commandantes ou administradores. E n'esse caso serão precisos mais padres para elevar tambem o numero de missões.

Quando pois haja de fazer-se em Timor uma nova circumscripção de concelhos poderá ter-se em vista a harmonia entre as conveniencias da administração religiosa e as de administração civil, e estabelecer-se não só que em cada concelho se funde pelo menos uma missão, mas tambem que para residencia principal tanto do missionario como do commandante se escolha, sendo

possivel, a mesma localidade, ou localidades proximas.

Apresentando por isso o meu parecer sobre as necessidades religiosas de Timor sob este ponto de vista, direi que além das missões já estabelecidas n'estes ultimos seis annos, muito conviria fundar mais uma em Suai, outra em Allas, outra em Viqueque, outra em Vinilale e outra em Lautem.

Como consequencia teriamos o seguinte quadro:

(Continúa)

P.º João Gomes Ferreira.

SECÇÃO CRITICA

Que falta fazem os frades?

XV

(Continuado de pag. 156)

PROPOSEMONOS considerar o vácuo que entre nós deixou a extincção das Ordens religiosas, sob o triple aspecto religioso, social e individual. Tratáramos já dos dois pontos primeiros, ainda que de leve, porque só em grossos volumes se pôde tratar devidamente tão importante questão; vamos agora tratar do terceiro, que não é, segundo o nosso pensar, de menos importancia.

Não é unicamente a religião e a sociedade que experimenta ha muitos annos a triste e dolorosa ausencia dos institutos religiosos. O individuo sente tambem essa falta, e chora acremente por esses institutos. E só quem desconhecer completamente o coração humano é que pôde negar a necessidade do convento, d'esse asylo de paz e oração.

Os homens não nasceram todos para a agitação tempestuosa do mundo. Nem todos nos sentimos com forças para arrostar com as vagas d'esse mar borrascoso. Ha almas creadas para os doces attractivos da solidão e para empregarem a sua actividade unicamente longe do bolsico do mundo, afastadas das vaidades humanas. Outras ha que, á custa de tristes desenganos, poderam adquirir a dolorosa evidencia, de que em parte alguma, fóra dos muros do claustro, encontrarão balsamo que cicatrize suas feridas, que leve a paz e o socego a sua alma. Milhares de seres existem na terra, para quem o convento é uma necessidade.

E, ainda que assim não fóra, que direito antigo ou moderno, que progresso ou que civilisação pôde licitamente, censurar n'essas almas

candidas, o amor á soledade? Censuram, acaso, os amigos do progresso materialista, o alan com que muitas outras almas se lançam em meio do movimento e devaneos do mundo?

Quantos infelizes nós vemos hoje victimas de medonho naufragio social, que em sua mocidade sentiram vivissimo desejo de se apartarem do mundo, e o não fizeram porque lhes faltava um religioso asylo que lhes desse guarida? Quantas intelligencias privilegiadas teriam dado com suas obras gloria a Deus e renome á patria, se podessem abrigar-se á sombra do claustro, tão adquado, tão favoravel aos estudos profundos? Mas não quizeram, e a falta do convento mostra-nos uma cousa singular: muitos corações, ao despontar da juventude, sentem um tédio, um aborrecimento tão pronunciado contra a existencia, que nos parece ser molestia epidemica que tambem caracteriza a geração presente. Por toda a parte abundam os Renatos, como o de Chateaubriand, a quem um precoce desgano fez odiosa a vida, e o obriga a olhar com aborrecimento tudo aquillo que aos mais consola e traz em continuas alegrias.

Será porque o nosso seculo e nossas loucas revoluções tem sido assaz prodigas em promessas, e escassas em as cumprir; será mesmo porque os adiantamentos e progressos materiaes nos tenham antecipado na idade juvenil as desilusões e desencantos que parecem proprios só da idade madura; ou seja, até, se assim o quizerem, porque as paixões são hoje mais corrosivas, porque a litteratura, os espectaculos, a geral libertinagem lhe dão maiores estimulos; ou que é certo, o que ninguem pôde negar é que nunca foi tão atroz e tão geral o crepe em que se envolve o coração do homem na mais formosa quadra da vida, na epoca em que a primavera da existencia devera sorrir-lhe. O homem hoje gasta, esbanja o seu capital de sentimentos e affectos com uma rapidez espantosa; aos vinte annos a fronte não se lhe tem enrugado ainda, é certo, mas o coração está de todo vasio, completamente desolado. As almas baixas, essas ainda encontram uma felicidade mas uma felicidade a seu modo, embrutecendo-se nos lupanares, na corrupção, enlouquecendo-se com as devoradoras emoções da politica, ou metalisando-se com os tres por cento, com as altas e baixas dos fundos; mas as almas grandes, que tem

aspirações elevadas, se não acham junto de si a resignação que dá a fé, e que só a fé pôde dar, depois de desesperadas, cançadas do mundo, e sem terem um asylo entre esta e a outra vida, lançam a mão a um revolver e cortam o fio de seus dias.

Horroroso estravio da intelligencia humana! Eis aqui a historia secreta e intima dos suicidios, tão frequentes com nossos dias!

(Continúa)

D. Felix Saldá y Salvani.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Exc.^a Revd.^{mo} o Sr. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas

CUMPRINDO o que havemos promettido damos hoje o retrato do nosso venerando Prelado, juntando mais um quadro á famosa galeria do «Progresso Catholico».

Não sendo nosso empenho biographar o illustrado Arcebispo de Braga, (1) mas unicamente tornar conhecido dos nossos leitores, por meio da gravura, o retrato de S. Exc.^a Revd.^{mo}, nem por isso nos dispensamos de traçar algumas linhas, d'essa figura respeitavel que ora occupa o solio da Igreja Bracarense.

O Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, nasceu em Coimbra no dia 16 de outubro de 1820, sendo seus paes Jeronymo José de Freitas e D. Symphorosa Maria Vieira.

Mostrando desde creança uma vontade para as letras, seguiu os estudos e dedicou-se á vida ecclesiastica, frequentando a Universidade, com tal vantagem que obteve alguns premios, tomando capello em 1845.

Em 1846 era apresentado e collado na igreja de Santa Cruz de Coimbra, opositor e lente substituto da faculdade de Theologia na Universidade. Exercia conjunctamente as funcções de professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario diocesano de Coimbra, onde era tambem examinador synodal.

Em 1855 era nomeado lente cathedratico da Universidade, sendo então obrigado a deixar a

parochia de Santa Cruz, para poder satisfazer as obrigações que lhe impunha o novo cargo, sendo por esta occasião, e como recompensa dos bons serviços prestados á Igreja como parochio, nomeado conego honorario da Sé de Coimbra.

O zelo, a caridade e a boa vontade do actual Prelado Bracarense, durante dezoito annos se empregaram no bem dos estudantes e dos pobres, até que em 1873 foi elevado á alta dignidade de Provisor e Vigario Geral do Patriarchado, sendo no mesmo anno preconisado Arcebispo de Mitylene no Consistorio de 25 de julho e sagrado a 5 de outubro, na igreja de S. Vicente de Fóra.

Em 1877 era agraciado com a Carta de Conselho, e pelo fallecimento do respeitavel Patriarcha D. Ignacio, foi eleito Vigario Capitular do Patriarchado, cargo que exerceu dignamente até á posse do actual Em.^{mo} Sr. D. José, havendo, durante a vida do fallecido, governado varias vezes a Igreja lishonense.

No Consistorio de 9 de agosto de 1883 era o respeitavel Arcebispo de Mitylene preconisado Arcebispo de Braga, tomando posse da vasta archidiocese por procuração em 3 de novembro e pessoalmente no dia 25.

Braga vestiu-se com as suas melhores galas para receber o novo Primaz, e S. Exc.^a Revd.^{mo} não desmentindo a fama de suas virtudes tem honrado a Cadeira Primacial, como de todos é conhecido, dispensando nos de escrever nada mais porque em toda a diocese, e em todo o reino não ha quem desconheca o Apostolado do Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Arcebispo de Braga, de quem o «Progresso Catholico» apresenta o retrato, prestando assim o preito devido ao saber e ás virtudes preclarissimas, d'um Principe da Igreja Catholica Apostolica Romana, de que nos presamos ser obediente filho.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

Eccos da Semana Santa

I

Domingo de Ramos

«Saude ao Filho de David! Hosanna! Benção, gloria ao Enviado do Senhor!» Assim conclama a turba enorme e ufana, Em transportes de jubilo e do amor.

(1) A Historia se encarregará de archivar em paginas de ouro os trabalhos apostolicos e virtudes de S. Exc.^a Revd.^{mo}

E empunha e agita triumphantes palmas,
E de verdes e mantos junca o chão...
Que será? Quem assim commove as almas,
Entrando ovante na opulenta São?

«E' Jesus, o Propheta nazareno,
O que ao sepulcro a Lazaro arrancara,
O que prodigios mil obra sereno:

O Messias que o mundo tanto anciara,
E a quem, — repleto de infernal veneno, —
Póz o triumpho, atroz Paixão prepara!

II

Quarta-feira de Trevas

Veste de lucto do Cordeiro a Esposa:
Melancolicas trevas a circumdam;
E as angustias tráz, que a alma lhe inundam.
Lamentação dolente e frerimosa!

Jaz do inimigo nas mãos cruéis o Justo,
Por ingrato discipulo vendido:
E dos outros o grupo tão querido
Abandona o, disperso pelo susto!

E' possível, divina Magestade,
Ver-se immerso em mortaes abatimentos
Queim tem no mundo a summa potestade?

Vae a morte empolgar celeste Preza:
Perturbam se os confusos elementos,
E chora o seu Creador a natureza!

III

Quinta-feira de Endoenças

Vós, o Senhor, o Mestre, aos pés prostrado
Dos servos, dos discip'los!... o Infinito
Humilhado ante o pó!... té do precito
Lavando as plantas, meigo e resignado!...

Embalde, Simão Pedro, tu resistes
A' sublime lição que não comprehendes...
Ouví-o todos, que mui breve tendes
De abandonar-o, de perdê-lo, oh tristes!

«Imitar este exemplo de humildade,
Reine entre vós o amor, a caridade,
E assim tidos sereis por filhos meus».

Preceito, exemplo divinal, profundo!
Crente e sincero realise-o o mundo,
E tornar se-á vestibulo dos ceus!

IV

Sexta-feira da Paixão

Ave, Madeiro agosto, no alto erguido
De monte, antes de horror, de amor agora!
Em arvore mudado redemptora,
De patibulo odioso e aborrecido!

Ao mundo, em mar de dores submergido,
Pharol, ancora foste salvadora;
E sobre a humanidade soffredora,
Balsamo divinal dos céos cabido!

Mas, sacrosanta Cruz, eis-te cercada
Dos mesmos que renir salvar quizeste,
E forcejam por ver-te derribada!

Tu que a terra co'os braços abrangeste,
Quando no topo do Calvario alçada,
Com teu poder converte os, Cruz celeste!

V

As dores de Maria

Mãe que estás junto á Cruz, ó Mãe das dores,
Que n'ella vês o amado Filho exangue,
Oh! perdôa, perdôa aos peccadores
Esse vertido sangue do teu sangue!

Em tua soledade immensuravel,
Quem te dará conforto á ingente pena,
Se a par da perda altissima, ineffavel,
Toda compensação será pequena?!

Ah!... mas não, amantissima Senhora,
O teu doce Jesus Tu não perdeste,
Que triumphará da morte, sendo a Vida!

E Tu, por singular graça celeste
Socia em sua grande obra redemptora,
Da humanidade serás Mãe querida!

VI

Sabbado da Alleluia

Exulte o mundo inteiro de alegria!
Gloria nos altos céos e paz na terra!
Já de Christo o sepulchro se descerra:
Rebrilha o sol do mundo! Alleluia!

Da Esposa a frente em jubilo irradia,
Mostra da dita que no seio encerra;
Do augusto templo pelas naves erra
Da sua voz a angelica harmonia!

Ornam formosas galas o sanctuario:
E em torrentes de sons o campanario,
Hymnos entoando na amplidão, diz isto:

Honra ao eterno Deus, louvor e gloria!
Que do inferno alcançando alta victoria,
Triumphou, reina, é vencedor o Christo!

VII

Domingo da Resurreição

Desponta do terceiro dia a aurora,
Tão formosa, brilhante e perfumada,
Como a primeira edenica alvorada
Sahira da divina mão creadora.

De pasmo treme a terra: que anjo forte
Tomba a sepulchral lousa, e fulgurante
De gloria e luz, de vida exuberante,
Do seio resurgiu Christo da morte!

Viram-n'ó, eterna, divinal Essencia,
As santas donas, os discip'los caros;
Palpou-o e creu o incredulo Thomé.

E firmada em tão splendida evidencia,
Em portentos tão grandes e preclaros,
A' conquista do mundo vóa a Fè!

Porto—abril de 1885.

A. Moreira Bello.

GRACIA

OU

A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO X

A peixeira

(Continuado de paginas 101)

TAMBEM não é facil, senhor, acabar com elles.

— Oh! é, é; cortando-lhes as cabeças depressa perderão os brios.

— Pensaís, exclamou Jacuin com fingido horror, em uma matança, que inunde e ensope em sangue o Japão?

— Não me percebeste, replicou Faxiba, que mais que sanguinario era astuto. As cabeças dos christãos são os sacerdotes europeos. Expulsando-os d'aqui para suas terras ficarão seus discipulos aterrados e entontecidos, e em pouco tempo voltarão ás suas crenças.

— Isso é, basta ser vossa a idea, senhor, o maior e o me'hor expediente.

— Pois essa idea vai desde já traduzir-se em facto. Expede ordem para que os Jesuitas embarquem immediatamente no porto de Fakata, manda, que todos os sacerdotes e religiosos christãos sejam expulsos do imperio, e ordena, que se fechem quantos templos se tem levantado ao Deus d'esses loucos em meus Estados.

Jacuin não se fez rogar: pegou n'um papel e n'uma penna, e dissimulando a alegria, que esta medida lhe causava, poz-se a escrever. Ao terminar o que Faxiba lhe notava, perguntou: E relativamente aos christãos japonezes que se faz?

— Para evitar o alarme e não excital-os a uma rebellião armada se lhes concederá por em quanto a liberdade de seguir suas crenças, e o tanto que não as manifestem publicamente nem tenham trato com os bonzos europeos.

Faxiba assignou este decreto a 25 de Julho de 1587, e com elle começaram as perseguições da Igreja do Japão.

CAPITULO XI

Quero ser christã!

Dois dias depois da scena passada entre a princeza, sua sobrinha Mirka e a peixeira, achavam-se reunidas as duas primas no gabinete d'estudo do Gracia, fallando em voz baixa, sem duvida para não ser ouvidas dos quartos que lhe ficavam proximos.

— E atrever-te-has a ir em companhia d'aquella mulher? perguntava a princeza á joven.

— Ora se atrevo; estou esperando até com impaciencia que o sol de todo se atufe no occaso para começar a fazer meus preparativos.

—E a que se reduzem, se é possível sabel-o?

—Reduzem-se a despir o rico traje que visto, a vestir um da velha Rania, tua ama, que é uma das poucas pessoas, que entram e sahem amiudadas vezes n'esta casa e a desfigurar-me de modo, que quantos me vejam ás escuras julguem que sou a mesma Rania em pessoa. Graças a este disfarce sahirei para a rua, sem que me conheçam, encontrarei a esperar-me ao dobrar da esquina d'ella Martha a peixeira, que é a encarregada de me acompanhar e introduzir no seu templo para ouvir tudo quanto lá disserem e depois immediata e fielmente t'o vir contar.

—Não podes calcular, Mirka, quanto me assusta o teu projecto: se os creados te conhecerem e os guardas te não deixarem passar e forem depois dizer a meu marido, podes crêr que vamos soffrer, quando elle voltar, um desgosto serio.

—Nada receies: tenho pensado e arranjado tudo de maneira, que nem é possível conhecer-me nem até dar pela minha falta. Mas ainda que os perigos com que me ameacças fossem maiores, não lograrias despersuadir-me nem deter-me. As palavras da peixeira despertaram em mim tal ansiedade do ouvir o Irmão Vicente, que por cousa nenhuma d'esto mundo, deixaria de sair esta noite.

—Já que tens tamanho desejo de ouvir-o, presta-lhe toda a attenção, para poderes depois explicar-me tudo o que elle disser. Faça-te esta advertencia, porque como fazes pouco caso de philosophia, não vás depois transtornar ou inverter o que lhe ouvires.

—Certamente o entenderei, pois parece-me, que a philosophia dos christãos está muito mais ao meu alcance que a de teus livros, visto que a entendo facilmente e a de teus livros não.

—O que me faz suspeitar, que essa doutrina é mui pouco philosophica, visto entendel-a tu e gente tão simples como a peixeira, disse a orgulhosa Gracia, com certo ar de soberania.

—Mas apesar d'isso, replicou Mirka, estás tão interessada ou mais que eu em conhecê-la, e se não fazes o que faço, é porque és esposa e mãe, e receias que uma indiscreção te comprometta. Porque lá ao mais ainda que parece que desprezas os christãos, bem conheço que os respeitas e temes.

—Não queiras nem tentes averiguar o que se passa em minha alma, mas averigua o que te has proposto hoje e volta quanto antes.

Mirka dirigiu-se para o seu quarto, onde conseguiu fazer tão bem e tão depressa a transformação que havia an-

nunciado, que meia hora depois de anoitecer poderiam ter jurado os creados, que estavam na escada e no portal, que tinham visto sair a velha Rania, chegar á esquina da rua, onde a esperava outra velha de sua mesma catadura e atravessar ambas as ruas da cidade.

la Mirka, pois era ella, tão apressada que parecia que voava; sentia-se mais alegre e satisfeita vestida com aquelle pobre traje, que quando coberta de perolas e coraes se contempylava nos formosos espelhos do palacio de Jecundono. Não era só a curiosidade o que a impellia, nem o prazer de ver-se livre por alguns instantes depois de t'er illudido os guardas do principe o que a alegrava, mas não sei que secreto impulso de sua alma, que não sabia explicar-se, mas que a inundava de felicidade. A pobre peixeira, que a acompanhava participava da mesma alegria. Olhava de vez em quando para a menina, sorria-se de jubilo ao vel-a andar resoluta e animosa e parecia-lhe que cada passo que esta dava fazia augmentar seu contentamento e lhe tirava de sobre seus hombros um grande e enorme pezo. De pois de terem dado mais alguns passos a peixeira parou, e mostrando a Mirka uma especie de barraca ampla e espacosa sobre cujo tecto se destacava uma cruz de bronzo, lhe disse:

—E' esta a nossa egreja.

A peixeira fitou então a menina e ficou como pendente dos labios de Mirka, esperando vêr a impressão que lhe causava o edificio. Por um instante julgou, vendo a menina parada, que não se atreveria a entrar. A pobre peixeira tremia toda e esteve a ponto de chorar, mas quando ouviu que Mirka lhe dizia: «Entremos na egreja», e viu que se encaminhava para ella com passo firme, tornou a reanimar-se e com um indisivel jubilo disse em voz baixa: «A Ti, Virgem Santa, t'a entrego; converte-a.»

(Continua).

Versão do P.^o Lima.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

AS OBRAS DO PADRE ANTONIO VIEIRA, do afamado Jesuita que enche Portugal, a Europa e o Novo mundo com o seu nome, eram raras, rarissimas, e por bom preço se compraram alguns exemplares que das primeiras edições appareciam. D'essas obras, porém, anda-se fazendo em Lisboa uma nova edição, de que já recebemos dois fasciculos, e de que n'esta Re-

vista se tem feito o respectivo annuncio.

O que se anda publicando do notavel classico portuguez são as cartas, modelo de escripta epistolar, que pôde, mesmo n'esta epoca de adiantados progressos, ser guia para os mais doutos escriptores, ensinamento para os mais destros e eloquentes.

Recommendar esta publicação, quando ella por si se recommenda, seria tollice nossa, que nem competencia para tanto temos: mas lembrar a nossos leitores que ella se está fazendo é dever nosso, e dever de todos os catholicos amantes das boas lettras.

*** CODIGO ADMINISTRATIVO, approvedo por carta de lei de 6 de maio de 1878, publicado sob a direcção d'um advogado; contendo numerosas indicações e referencias relativas ás decisões tomadas pelos tribunaes superiores sobre os pontos do Codigo—3.ª edição—acrescentada com o decreto de 2 de setembro de 1879, portaria inedita de 2 de março de 1880, decreto de 3 de novembro de 1882, regulamento do tribunal de contas de 21 d'agosto de 1878 e lei eleitoral de 21 de maio de 1884.

Rebebemos esta obra, editada pela casa Clavel & C.^o do Porto, e achamos que seja de utilidade para todos os magistrados, procuradores, etc. etc. etc.

Agradecemos a offerta e, como não carece de grande recommendação um livro que a todos interessa, só diremos que custa 500 reis e que se vende na livraria Clavel & C.^o, rua do Almada, Porto, e n'esta redacção.

*** Por vezes o temos dito e repetimol-o ainda hoje, que das publicações mais dignas do favor publico e com especialidade dos homens estudiosos, é o ARCHIVO DOS AÇORES, de que recebemos os fasciculos 32 e 33, correspondentes ao 6.º volume.

Tudo quanto se possa desejar saber da historia antiga ou moderna dos Açores, ahi se encontra, e por isso, repetimos, é a obra mais digna de occupar a estante de bons estudiosos.

Agradecemos a remessa dos dois fasciculos apontados, e fazemos votos porque não pare publicação que tanto apreciamos.

*** Os pequenos livros, por isso que se podem espalhar por um preço infimo, são os que mais serviços podem prestar entre nós, e bom era que publicações d'este genero se fizessem e com profusão se pro-

pagassem. Um dos livros n'estes casos é a LIQUIDAÇÃO SOCIAL. PROCLAMADA NA CONFERENCIA DE BERLIM, traduzido do italiano por J. C. P. da Cruz. Custa 60 reis, e é leitura sã e util.

Alberto dos Guimarães.

RETROSPECTO DA QUINZENA

No dia 10 do corrente alvoroçara-se parte de Guimarães, porque se annunciava, ainda que vagamente, que o venerando Arcebispo de Mitylene chegaria a esta cidade n'esse dia.

Effectivamente, depois das onze horas da manhã dava entrada na cidade S. Exc.ª Revd.ª, acompanhado por varias pessoas da mais alta sociedade vimaranense, e por uma deputação dos seminaristas de Braga, que para esse fim o foram esperar ao Bougado.

A noticia espalhara-se por toda a cidade, e pôde dizer-se que depois d'isso, todas as pessoas de consideração correram ao palacete dos Srs. Condes de Margaride comprimentar o Prelado illustre.

E não admira que assim acontecesse, porque em Guimarães não ha ninguem que não conheça o virtuoso Padre João Rebello, o illustre sacerdote que durante muitos annos aqui viveu, incansavel sempre no serviço do Senhor, prompto sempre para todos os trabalhos em prol da Igreja e da religião de que sempre foi digno ministro.

Não admira, repetimos, que o povo de Guimarães se regosijasse com tão honrosa visita.

Na quarta-feira, 13, pelas oito horas da manhã, foi assistir ao exercicio do *Mez de Maria*, na igreja da Misericordia, que, como já dissemos é ali feito pela piedosa associação das Filhas de Maria, da qual S. Exc.ª Revd.ª foi durante muitos annos Director, e no fim dos santos exercicios celebrou missa e deu a Sagrada Communhão a muitas das suas antigas filhas espirituaes. A alegria das piedosas Filhas de Maria era indiscriptivel, ao commungar das mãos de um Principe da Igreja, que tantas vezes as exortara a seguir a estrada da virtude, e que agora, elevado a tão alta dignidade, e no meio de muitos trabalhos se não esqueceu d'ellas, d'essas mimosas yorinhas que embalsamam Guimarães, com os olores de suas virtudes.

Na quinta-feira sahio S. Exc.ª Revd.ª em direcção a Braga, hos-

peda rdo-se no Seminario de que fôra dignissimo Vice-Reitor.

Se as Filhas de Maria, de Guimarães, se regosijaram com a visita do seu antigo Director, os jovens Seminaristas bracarenses não a estimaram menos, dando a S. Exc.ª Revd.ª todas as mostras do seu amor filial.

Foi visitado pelo Ex.ª e Rev.ª Sr. Arcebispo Primaz, visita que depois pagou, indo tambem visitar a Cabanas o Ex.ª e Revd.ª Sr. Arcebispo resignatario, D. João Chrysostomo.

Antes d'estas visitas havia S. Exc.ª Revd.ª celebrado missa na capella do Seminario, dando por essa occasião a Sagrada Communhão aos seminaristas e muito povo.

O Clero de Braga, visitou todo, tẽ o mais graduado, o nobre Vigario Geral do Patriarchado.

Voltando a Guimarães no mesmo dia continuou S. Exc.ª Revd.ª a merecer as maiores provas de estima e respeito dos vimaranenses, e todos os dias, na capella particular do Srs. Condes de Margaride, ministrava o sacramento da Confirmação, a que concorriam muitas pessoas.

No domingo, 17, às oito horas da manhã, foi S. Exc.ª Revd.ª celebrar missa á igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, no Campo da Feira, a que assistiram milhares de fieis, commungando das mãos de S. Exc.ª Revd.ª centenares de pessoas. Depois da missa foi ministrado o Sacramento da Confirmação, ou *Chrisma*, fazendo antes S. Exc.ª Revd.ª uma eloquente pratica cheia de unção e fervor religioso, como sempre conhecemos em tão zeloso apostolo. Receberam o Sagrado Sacramento mais de oitocentas pessoas, o que fez estar S. Exc.ª Revd.ª na igreja desde as 8 horas até depois das onze.

Serviram de madrinha ora a filha dos Srs. Condes de Margaride, sobrinha de S. Exc.ª Revd.ª ora um filho do Ex.ª Sr. Luiz Martins da Costa, e quando se confirmaram ás alumnas da escola do Asylo dos Santos Passos, serviu de madrinha a Irmã Superiora das Hospitaleiras do mesmo Asylo.

Vimos o respeito, a devoção, de todos os confirmados, e apraz-nos dizer que não é tão pouca ainda a fé entre o nosso povo.

S. Exc.ª Revd.ª antes de sair da igreja dirigiu-se á capella em que se venera a imagem do Senhor dos Passos, onde orou, retirando-se depois entre ondas de povo que

se curvava reverente para beijar-lhe o anel, desejo que S. Exc.ª Revd.ª satisfazia com a bondade e boa vontade que sempre lhe conhecemos, levando algum tempo a entrar na carruagem, porque a multidão a custo lhe dava caminho.

E' que o povo de Guimarães não se saciava de ver o virtuoso Prelado, de admirar a cruz episcopal sobre o mesmo peito em que muitas vezes vira a humilde cruz do missionario.

S. Exc.ª Revd.ª partiu para Lisboa no comboio das duas horas da tarde do dia 18, sendo acompanhado por varias pessoas.

Desejando ao nobre Prelado uma jornada livre de perigos, pedimos a Deus nos conceda e a Guimarães breve igual visita.

Estiveram tambem em Guimarães e fizeram-nos a honra da sua visita os seguintes snrs. assignantes do «Progresso Catholico»:

Padre Manoel Affonso Machado da Costa, nosso sollicito correspondente em Mondim de Basto; João Vieira Mendes; Padre José Raymundo Alves d'Araujo, digno capellão do Bom Jesus do Monte; José Joaquim Leite, padre Manoel Gonçalves Pires, e Antonio da Cunha Jordão.

A todos nossos agradecimentos.

Damos mil parabens ao nosso esclarecido collega de Angra do Heroismo—«O Catholico», pela publicação do seu n.º extraordinario publicado no dia 28 de abril, celebrando o XIII anniversario da Sagração de S. Exc.ª Revd.ª o Sr. Bispo d'Angra.

Este numero é consagrado á commemoração de tão fausto dia, e a esbofetear as caras onde o rubor não mora, dos infames e especuladores inimigos de Sua Exc.ª Revd.ª

Bravo, collega!

O vosso trabalho seria desnecessario se Portugal tivesse fôros de um paiz civilisado, se fosse governado por homens dignos de reger um povo que foi dos mais heroicos.

Se assim fosse os presidios de Africa, ou a moderna Penitenciaria seria o lugar reservado para os difamadores da virtude, para os insultadores da Religião e dos ministros da mesma, para a pelintra-gem que vive do salario ganho á custa de vilanias.

Mas a epoca vac para os homens sem vergonha, as nações regem-se pela corrupção e a nós os catholicos, que vemos o nosso Chefe prisioneiro,

só nos resta o desforro da imprensa, porque a filhos de Jesus Christo fica mal o rasgar a chicote, na praça publica, a face dos homens sem dignidade.

Bravo, mil vezes apoiado, esclarecido collega!

Julgavamos que não havia sabios no mundo senão os socios da Academia Real das Sciencias, e eis que uma folha brasileira, a «Gazeta de Uberaba» nos traz a noticia de que um frade capuchinho, um sabio, seguira para Franca do Imperador, onde vae fixar a sua residencia. Chama-se F'rei Germano de Ancey, e mandou a diante d'elle para os encontrar na nova terra em que vae habitar, os *instrumentos do gabinete de physica, que a sociedade Uberabense offerrou ha tempos áquelle illustrado capuchinho.*

E' mais um ignorante envolto no habito monastico, é mais um d'esses *mandriões*, que os inimigos dos frades odeiam!

O que aos sabios faz sombra não é o habito do frade: é antes o sabio que esse habito envolve.

Louvemos ao Senhor que ainda se lembra d'este malladado paiz, com a continuacão de governos inimigos da Religião santissima que Elle nos veio ensinar. Tudo que vem de Deus são favores, e portanto curvemos a cabeça que bem mais merecemos ainda.

A antiga e nobilissima Igreja bracarense, a Sé Primacial das Hespanhas, tem hoje, por merecê e graça dos governos revolucionarios QUATRO CONEGOS, dous impedidos e dou aptos para o serviço, diz o nosso collega da «Cruz e Espada»!

Deus se amerceie de nós e faça raiar melhores dias para esta terra que foi de homens grandes.

Rencaram os governantes de Portugal as tradições de seus maiores, delapidaram os rendimentos das mitras, prometteram sustentar os cabidos, e não fazem nomear conegos. Ou querem desprestigiar a Igreja portugueza, ou querem locupletar-se á sua conta. Deixam as cathedraes sem pessoal para a magestade do culto e atolham as repartições do Estado de empregados, que sucam toda a vida da nação!

E o povo geme; porque nem admira as pompas das solemnidades religiosas, que tanto lhe fallavam á alma, nem pôde dispor de dez reis, que tudo lhe leva o fisco! Nada sacia os parasitas que devoram a Patria, nada os faz parar no seu caminho de destruição e runia.

São os nossos peccados, de certo, que tanto tempo fazem pesar sobre nossas cabeças a espada da divina justiça. Oremos, e talvez nossas preces attendidas sejam.

Para os que defendem a maçonaria, e apresentam os mações como uns benemeritos da humanidade, incluído o snr. Camillo Castello Branco, que tambem agora appareceu como uma civa pronunciadissima da tal molestia, transcrevemos o seguinte, que nos parece d'isso bem digno.

Ora leia, snr. Castello Branco, e confrades:

«M. Andrieux, que era prefeito de policia em Pariz, quando se commetteu o brutal attentado contra os Jesuitas em 1880, não só manifestou publicamente em plena camara franceza o quanto se arrependia da parte que tomara em tão *estupido attentado contra a liberdade* (as palavras grifadas são do orador), mas publicou e fez circular umas *Memorias* em que ridicularisa e põe á mostra certos mysterios da maçonaria, de que o mesmo M. Andrieux era grande dignitario.»

Pedimos ao snr. P.º Casimiro José Vieira faça saber isto ao sabio de Seide.

E' espantoso o numero de conversões que diariamente se estão realisando, fazendo entrar no campo do Catholicismo todos os homens de boa vontade que nos demais campos se encontravam.

El Correo de los Estados-Unidos da-nos a noticia de que o Rev.º Huson, *clergyman*, episcopal, de quem a fama levou o nome a todo o paiz, acaba de converter-se ao Catholicismo, dirigindo-se a Londres para entrar na Companhia de Jesus. Mr. Huson, natural de condado de Sheboygan, foi no principio de sua carreira mestre-escola, e cursou depois medicina em New-York. Abandonada a medicina estudou theologia, dirigindo varias missões, e era ultimamente encarregado da parochia de Mariana, na Florida, quando a febre amarella appareceu em Memphis.

Huson foi dos que primeiro e voluntariamente se dedicou a consolar aquelle povo aterrado, e tantos serviços prestou que em os todos Estados Unidos se fallava d'elle com louvor. Era um verdadeiro Apostolo de Caridade. Atacado da terrivel epidemia, viu-se rodeado de umas pobres mulheres que os *illustrados* desprezam e apedrejam, e foram ellas que o trataram. Estas

mulheres eram as Irmãs de Caridade. O que as Irmãs fizeram na alma e no coração do scismatico não o poderemos dizer, mas é certo que Huson, depois de curado se retirou a Oxford e ali se converteu.

O facto esteve em segredo por muito tempo, e grande foi o espanto do Bispo e mais clergyman da egreja episcopal de Milwaukee, quando ha poucos dias Mr. Huson se lhe apresentou despedindo-se para se retirar a Londres onde ia professar n'uma casa de Jesuitas.

Todos os grupos herejes e scismaticos se vão desfazendo e cada dia se engrossa mais o grupo imenso dos filhos de Jesus Christo.

Louvemos os mysterios da Providencia!

Acerca da questão das *Irmãs Hospitaleiras*, de Fimalicão, transcrevemos as seguintes informações, colhidas pelo nosso respeitavel amigo, e catholico dedicadissimo, o Exe.º Snr. Barão do Calvario, de pessoa que merece todo o crédito.

Eis a noticia:

«Satisfazendo ao pedido que me fez, sou a dizer-lhe que não ha motivo algum para a expulsão das irmãs hospitaleiras que aqui estão no hospital d'esta villa, porque os seus serviços são relevantissimos. O que ha é uma má vontade contra ellas, nascida de animos anti-catholicos, é de quem não vê com bons olhos os habitos que ellas envergam. Caprichos e aberrações de espiritos contaminados pelos vicios do seculo, que não deixam fazer justiça a quem se dedica a praticar o bem, e a tornar-se util á humanidade enferma.

«Este assumpto tem sido tratado, na imprensa, por escriptores adversos ás pobres creaturas, sobre as quaes têm despejado accusações e algumas até indecentes, sem rasão alguma, amoldando os factos a seu sabor.

«O «Commercio do Minho» de Braga, tem se occupado largamente do assumpto, em defeza das irmãs, e o mesmo tem feito a «Gazeta de Fimalicão». O que posso affirmar ao meu amigo e a todos em geral é que é uma guerra acciñtosa e sem fundamento, e auctorisso-o a affirmar o mesmo aos seus amigos.»

E não carecemos de fazer commentarios, só diremos que os inimigos das Irmãs da Caridade, são os mesmos em toda a parte.

Uma *santa* gente.